

## EM BUSCA DE UMA CONSCIÊNCIA ORIGINAL

Considera que a arte é a expressão mais forte de originalidade de uma cultura, já que ela diversifica, unindo; é o fazer que se confunde com o ser, de que decorre sua importância na educação, que é criação do próprio ser.

A arte é a expressão mais forte de originalidade de cada cultura. Sem apoio e inspiração na arte, a técnica, que é a força dominante em nossa época, poderá apagar as diferenças culturais, promovendo um nivelamento que, em vez de ajudar, pode prejudicá-la, sobrepondo aos valores específicos do homem os interesses da Máquina, do Lucro, do Poder e da Dominação, lançando grupos, classes e nações uns contra os outros. O segredo da Arte, como fonte de cultura, é que ela diversifica unindo; cada uma de suas manifestações corresponde a uma faceta do homem, e todas elas reunidas formam a imagem do homem todo. Daí porque as artes se chamam entre si, porque cada cultura se interessa pelas outras culturas. Daí porque o mundo da Arte é o mundo da Simpatia humana no sentido mais forte da Fraternidade.

As muitas escolinhas de Arte espalhadas pelo Brasil formam as muitas imagens do mesmo País, assim como outras escolas semelhantes, distribuídas pelo mundo, representam a imagem multiplicada do homem, em todas as partes da terra.

O corpo e a alma da cultura estão ligados, antes de mais nada, às sensibilidades mais primitivas, aquelas com que a criança recebe em seu pequeno universo as primeiras impressões e experiências. E são essas sensibilidades que dão, ao mesmo tempo, o impulso e o molde a todas as suas elaborações posteriores, inclusive no plano científico. A ciência é o reino da Objetividade. Mas o Objeto é menos objetivo do que parece. É a realidade, mas também o modo de olhar a realidade, que a gente aprende quando abre os olhos ao mundo e começa a exercer sobre ele a aventura de nossa criatividade. Felizes os que, nesse momento, podem objetivar as suas visões, através da arte. Dos que, nesse instante, estão munidos de lápis ou pincel para passear, livremente, sobre o papel, as suas “divagações”. Nesse sentido, a arte é o fazer que se confunde com o ser. O fazer da criança que desenha é o seu ser: ele se faz fazendo. Daí a importância fundamental do fazer na educação; mas o fazer que conta não é o mecânico, o repetitivo, o “ensinado”, e sim o fazer da arte, isto é: o fazer que é criação e, antes de tudo, criação do nosso próprio ser.

Daí, também, porque a arte nesse sentido não é o fazer à parte de todos os nossos fazeres, como alguma coisa artificial, de reservado a iniciados e predestinados; mas é o fazer de todos os nossos fazeres, desde que obedeçam ao sopro livre da criação. O importante é recriar o objeto por uma consciência que se assume inteiramente, e se torna capaz de descobrir, dentro de si própria, a visão inaugural de cada ser, de cada coisa ou pessoa. Uma consciência que se liberta do nivelamento e da opacidade dos adultos. Trata-se de opor a criação à convenção, a liberdade que renova o mundo ao freio que lhe impõe antigas mordidas, o “eu profundo” ao “eu de superfície” de que falava Bergson. Só nessas condições o ser humano adquire a verdadeira inteligência,

que é sempre criadora, e o caráter autêntico, que é sempre a coragem de assumir-se.

Por isso, a arte na educação não significa “educação artística” no sentido convencional, mas significa a educação em si mesma. Fazer-se fazendo. Se é verdade que com a experiência não há nenhuma educação ou aprendizagem, também é verdade que sem essa experiência radical não é possível a educação que prepara cada homem para introduzir na sociedade uma consciência original, forte de fertilização e de mudança.

**Durmeval Trigueiro Mendes**

*Arte e Educação*. Rio de Janeiro, Escolinha de Arte do Brasil, ano I, n. 9, jan. 1972, p. 10.